



DUAS PÁGINAS DE  
RECORDAÇÕES

Depois do lançamento, em 1938, de *RETRATOS E LEMBRANÇAS*, Antônio Sales pensava reunir novos artigos de reminiscências e editá-los sob o título de *NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS*. Seria dividido em capítulos ou seções e uma delas, onde seriam focalizadas algumas figuras de alto valor literário ou afetivo, daria o nome de Sombras Amigas.

Vejamos duas páginas dessas memórias que acabariam ficando esquecidas nas coleções dos nossos diários:

**“BOUGIVAL”**

*A Demóstenes Brígido*

*“Costumo tomar o veículo que me leva ao centro da cidade, na calçada da casa que forma esquina da rua Conselheiro Estelita com a Guilherme Rocha. A entrada da casa é por esta rua e tem na soleira uma laje de mármore desgastada em que se lê a metade da palavra — Bougival, nome de um lugarejo francês próximo a Versailles.*

*Nunca conheci o motivo pelo qual foi esse nome dado à casa, construída pelo advogado Raimundo Vóssio Brígido<sup>1</sup> e onde ele morava com sua prole, composta de vários rapazes e moças, tudo solteiro. O mais velho era Virgílio Brígido,<sup>2</sup> que, depois de um curso de direito brilhante no Recife e de ter sido professor no Rio Grande do Norte, exercia então o cargo de promotor público em Fortaleza. Era uma ninhada de talento aquela família. Virgílio fora um estudante notável no Recife e cedo mostrou fortes tendências para as letras e para as ciências.*

*Parte integrante do Clube Literário e colaborador do respectivo órgão A Quinzena, onde publicou belos versos e trabalhos de fôlego, com uma figura atraente e maneiras de cavalheiro, era, como foi durante toda a sua vida, um homem de sociedade e um intelectual da mais fina têmpera. Rodolfo, que entrou para a carreira militar, é hoje general reformado. José Maria,<sup>3</sup> que fez parte da Padaria Espiritual, morreu como delegado fiscal no Paraná; o Dr. Luís, também funcionário da Fazenda, faleceu como alto funcionário do Te-*

souro Nacional; Leopoldo,<sup>4</sup> admirável poeta, aposentou-se há pouco como chefe de uma das seções do Tesouro Nacional; Raimundo Vóssio teve durante algum tempo uma mercearia no Rio e a última notícia que dele tive foi como coletor federal no interior do Rio Grande do Sul.

Ali conheci todos, com exceção do Luís, que, formado cedo em Direito em Recife, fez sua carreira como funcionário da Fazenda, no Sul, principalmente no Rio Grande, onde viveu longos anos, acabando como chefe da Recebedoria do Distrito Federal.

Mas havia outro, o Raimundinho, rapaz doentio, e que por isso morreu muito moço, e era o artista da família, além de ser dotado de um fino espírito satírico.

Os irmãos, que ainda estudavam e não tinham tomado rumo na vida, redigiam um jornal manuscrito — o “Bougival”, que era ilustrado pelo Raimundinho.

A esse tempo, Jacarecanga era escassamente povoada; só raras casas havia entre o centro e a atual Praça Fernandes Vieira, e na maior parte eram casebres e, em vez de muros, havia cercas de varas enfeitadas de melão de São Caetano.

Parecia um tanto extravagante construir uma casa a tal distância, sem meio de transporte. No dia em que aparecia o Bougival, eu vinha a pé, à tarde, ao solar dos Vóssios Brígidos para ler a folha, tomar café e palestrar com aquela rapaziada e com aquelas moças, que nasceram todos marcados com o selo da inteligência.

Vindos do interior, eles já traziam de lá o entendimento claro, a tendência espiritual que os fez abrir caminho na vida com a confiança em si e com o descortínio de um destino a cumprir. Nenhum vício os contaminara, nenhuma inclinação maléfica os desviava da linha reta traçada diante deles pelos bons fados que os orientavam para subir e brilhar.

Isso porque o dom inato do talento os tornava aptos para penetrar facilmente nos domínios do conhecimento.

O ninho dos Vóssios Brígidos ainda ali está e na soleira de mármore roída, ainda se lê o fim da palavra — Bougival. A casa, embora grandemente remodelada, me faz lembrar ainda o tempo antigo, as tardes que passávamos na calçada, onde formávamos uma roda, na qual era eu o único elemento estranho, embora espiritualmente identificado com a gente da casa.

Desde que me mudei para a minha residência atual, vou todos os dias esperar um veículo na calçada de Bougival, a que se prende uma das mais antigas e mais gratas recordações intelectuais de minha vida.”

(publicado em O Povo, 13 dez 1939)

## NÓTULAS

- 1 Coronel Raimundo Vóssio Brígido dos Santos. Casado com Pacífica de Medeiros Brígido dos Santos. Irmão de João Brígido.
- 2 Nasceu em São Francisco de Uruburetama em 24 de abril de 1854. Faleceu no Rio, em 1920. Advogado. Promotor. Deputado. Integrante do Clube Literário, de A Quinzena, do Libertador.  
Quando Antônio Sales, em 1914, veio a Fortaleza como integrante de uma Comissão do Tesouro Nacional destinada a fiscalizar as Coletorias Federais do Ceará foi alvo das homenagens de um banquete oferecido pelo deputado federal Virgílio Brígido, em sua própria residência, no Cosme Velho. Ao jantar compareceram o General Osório de Paiva, o deputado Agapito dos Santos, Gustavo Barroso, José Linhares, Américo Facó, Heitor Modesto e senhora. Da família do anfitrião a esposa, a filha Senhorrta Dulce, o filho Virgílio Brígido Filho, então com dezenove anos de idade e o irmão Rodolfo. Antônio Sales, acompanhado de Alice, agradeceu o ágape lendo um soneto seu dedicado a Dulce.  
Virgílio Brígido era proprietário da Fazenda Paraíso, no Estado do Rio, onde por duas ocasiões, uma em março de 1910, Antônio Sales e Alice juntamente com Capistrano, passaram aí alguns dias. Ficava o local próximo de Porto Novo do Cunha, à margem direita do Paraibuna. Antônio Sales relembrou fatos interessantes entre o historiador e seus dois índios e o episódio da parte do telhado quase atingindo, durante uma noite tempestuosa, a ele e esposa quando recolhidos a um dos aposentos da Fazenda, em Retratos e Lembranças.
- 3 Nasceu em Itapipoca em 1870. Poeta e Contista. Padeiro com o nome de Mogar Jandira. Faleceu a 19 de junho de 1923, em Paranaguá, Paraná, como Inspetor da Alfândega.
- 4 Nasceu também em Itapipoca em 17 de janeiro de 1876 desaparecendo em 24 de agosto de 1947. Poeta e crítico literário. Integrante do Centro Literário.

## “A VITÓRIA DA COCADA”

“Um dia, posso dizer um belo dia, o então Major Tasso Fragoso fez no escritório da Revista Brasileira, um convite para visitar-se as fortalezas da barra em via de construção — Laje e Imbuí.

O convite para o passeio, que devia ser um piquenique, teve acolhida da parte do Barão de Jaceguai, José Veríssimo, João Ribeiro, Paulo Tavares e o autor destas linhas.

Tasso Fragoso, esse belo espécime de homem, em que a natureza se comprouve em combinar todos os dons de inteligência, de caráter e de beleza física, pôs à nossa disposição um rebocador de alto-mar, do Ministério da Guerra, e, como nosso cicerone técnico, levou-nos primeiro à Laje, onde se construía a base para a cúpula de aço que a devia cobrir.

A Laje não é uma ilha nem sequer um ilhéu, mas apenas um abrolho que emerge da Guanabara, a igual distância das fortalezas de Santa Cruz e São João.

A atracação foi difícil e um tanto perigosa. Bem fronteira à entrada da barra, a Laje recebia em cheio a corrente marítima, que se chocava com fragor, levantando altos penachos de espuma. Mesmo do lado oposto à entrada da barra era forte o remoinho das águas, tornando penosa a aproximação do rebocador. Mas, afinal, atracamos e desembarcamos.

Tasso Fragoso, como diretor do serviço, nos conduziu através do labirinto que punha em comunicação os diversos setores do círculo em cujo centro seria fincado o eixo que sustenta a cúpula de aço e gira docilmente ao menor impulso, à proporção que os canhões vão despejando o seu vômito mortífero.

Entre os excursionistas havia apenas, além do cicerone, um técnico, o Almirante Barão de Jaceguai, mas as explicações de Fragoso eram tão claras, tão acessíveis, que todos compreendemos o que devia ser e como devia funcionar a poderosa arma de defesa do porto do Rio de Janeiro.

Logo adiante, de um e do outro lado, erguiam-se as duas velhas fortalezas decorativas, mas ineficientes, como ficou provado por ocasião da Revolta da Armada.

Reembarcados, dirigimo-nos à Fortaleza do Imbuí. Esta fica situada a meio de uma encosta e domina toda a entrada da barra, na direção norte-sul, cruzando fogos com o Forte de Copacabana, que, com ela e a de Laje, protege a entrada da barra contra qualquer tentativa de invasão inimiga.

Do alto do terrapleno de Imbuí levamos muito tempo contemplando o duplo e encantador espetáculo da baía com um vasto trecho da cidade até os confins de São Cristóvão e da curva de Copacabana, que a esse tempo tinha poucas casas e não era ainda afeiada por arranha-céus.

Afinal, os nossos estômagos nos fizeram sentir que belos espetáculos não sustentam ninguém, e resolvemos almoçar.

Fragoso, que já conhecia o terreno, levou-nos até a lombada da encosta, e ali foi-nos proporcionada uma das surpresas desta maravilhosa natureza do

Rio de Janeiro: em baixo, do lado oposto à Fortaleza, cavava-se uma vasta planície, em cujo centro havia uma pequena lagoa.

Julgava-se estar a cem léguas do Rio de Janeiro, contemplando aquele lago azul e calmo, com alvas e serenas praias, donde se elevam modestas e pitorescas habitações de pescadores, talvez.

Aquilo se prestava para o encantador retiro de quem quizesse fugir ao rumor e à agitação da cidade para passar calmamente uma temporada pensando, escrevendo, sonhando. . . E também serviria para o esconderijo de um casal romântico, que se contentasse, ao menos por algum tempo, com "teu amor e uma choupana".

Debaixo de uma árvore, estendeu-se uma toalha sobre o chão, e fomos tratando de exhibir o conteúdo do farnel.

Cada um trouxe qualquer coisa comestível e o ágape foi abundante e jovial. E devo consignar com satisfação patriótica, que o mais apreciado de todos os petiscos foi uma grande lata de cocada que eu havia recebido do Norte.

Dias depois, João Ribeiro, no escritório, ainda me dizia, com enlevo de gastrônomo: — "Ó Sales, aquela cocada!"

Voltando, a bordo do rebocador, sugerimos um passeio mais longo, fora da barra, em pleno mar vivo e rumamos para o sul, até passar além do Forte de Copacabana.

Mas dois companheiros começaram, a sentir-se mal, e foi preciso voltar.

De todas as agradáveis lembranças desse piquenique marítimo, a mais viva, a mais duradoura, é a vitória da cocada nortista. Creio que foi depois desse dia que João Ribeiro começou a querer bem ao Ceará. E, como eu representava o Ceará junto à sua pessoa, ele também me queria com um afeto que me desvanecia e do qual guardo uma imperecível saudade".

(Publicado em O Povo, 8 jan 1940)